

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? – FUTURO
2 e 6 de Dezembro de 2024

HIGH SCHOOL / 1968

um filme de FREDERICK WISEMAN

Realização, Som e Montagem: Frederick Wiseman / **Fotografia:** Richard Leiterman / **Produção:** Frederick Wiseman para Osti Film / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 16mm, preto e branco, versão original falada em inglês e legendada electronicamente em português / **Duração:** 75 minutos / **Primeira Apresentação Pública:** Transmitido por WNET-13 em Outubro de 1968 / **Primeira Exibição em Portugal:** Cinemateca Portuguesa, “Retrospectiva Frederick Wiseman”, 19 de Novembro de 1980.

High School é o segundo filme de Frederick Wiseman, sucedendo ao polémico **Titicut Follies** (1967), cuja distribuição foi extremamente complicada em virtude de um processo judicial. E foi com **High School** que se começou a desenhar mais claramente o grande projecto da fase inicial da obra do cineasta, que ficaria conhecido como um “retrato das instituições americanas”. Para **High School**, Wiseman escolheu filmar o Northeast High School, um liceu considerado como um dos melhores de Filadélfia, uma escola pública frequentada sobretudo por alunos de uma classe média alta. Ao contrário de **Titicut Follies**, Wiseman não procurou uma “instituição” problemática, mas uma escola apresentada como exemplar, de modo a poder observar como num liceu com estas características se desenvolviam as relações de poder, e que valores eram incutidos aos seus alunos.

Se em **Titicut Follies** Wiseman já conhecia previamente a instituição prisional que filmava, uma vez que costumava levar lá os seus alunos da Faculdade de Direito em que leccionava para lhes mostrar para onde poderiam ser enviados aqueles que condenavam, **High School** poderá ser considerado o primeiro filme em que aplicou o “método” que ficaria célebre. Sem *repérages*, Wiseman partiu para o “terreno” filmando, prolongando a sua rodagem durante quatro semanas em que recolheu cerca de quarenta horas de material, que montou ao longo de vários meses. A equipa de filmagens era mínima: Wiseman, no som e Richard Leiterman, na imagem.

Como o cineasta confessaria numa entrevista a Alan Rosenthal, “o filme é simultaneamente uma teoria e um relatório sobre o que aprendi. É uma espécie de história natural. Acho que é um erro terrível quando um conjunto de visões se impõe ao material. O que é importante é poder responder ao material e não procurar transformá-lo de modo a encaixar numa visão estereotipada ou preconcebida”. Nesta sua aproximação a **High School**, que é notavelmente descrita como uma “história natural”, está bem

patente toda a sua concepção de cinema, pois todos os filmes de Wiseman podem ser descritos como uma resposta a uma experiência pessoal de uma determinada realidade, uma resposta necessariamente subjectiva.

Em 1974 Wiseman afirmou que um tema recorrente no seu trabalho era a apresentação do “intervalo entre a ideologia formal e a prática real, entre as regras e o método como são aplicadas” nas várias instituições que filmou. Em **High School** é nítida a vontade em retratar o contraste entre a ideologia de uma escola – que, pelas próprias características, funciona metonimicamente face ao sistema educativo norte-americano – e a sua prática real. Um conflito que o filme nos devolve através de uma estrutura minuciosamente tecida, em que nada foi deixado ao acaso. E, neste plano, **High School** revela já uma notável evolução face a **Titicut Follies**, ao traduzir um sentido mais apurado da montagem, que caminha num sentido de uma progressiva subtilidade, sem contudo alcançar a ambiguidade de filmes posteriores.

High School assenta muito em grandes planos, concentrando-se frequentemente nos rostos dos professores, assim contribuindo para a acentuação da sua relação assimétrica com os alunos. Tal é visível desde o início do filme, quando um aluno é interrogado asperamente pelo facto de não querer fazer ginástica e a câmara se concentra na boca do seu interlocutor. O suposto diálogo é aqui substituído por monólogos, pois os professores do Northeast High exercem constantemente a sua autoridade ou colocam questões para as quais não esperam ou querem respostas.

Há momentos exemplares, como aquele em que um responsável pela escola explica a uma aluna que é errado usar um vestido curto no baile de formatura recorrendo às seguintes palavras: “It’s nice to be individualistic, but there are certain places to be individualistic”. Uma sequência em que a rapariga acaba por pedir desculpa: “I didn’t mean to be individualistic”. A defesa por parte da escola da importância do individualismo contrasta assim com a sua negação permanente na prática, um facto acentuado na forma como a câmara filma as aulas de ginástica, focando-se nos uniformes e nos corpos em movimento, em detrimento dos rostos.

Wiseman afirmou em várias entrevistas que quando viu a escola pela primeira vez ficou surpreendido pelo facto de se assemelhar a uma fábrica. E não será por acaso que é esse aspecto que nos começa por revelar. A ideia da experiência escolar como um processo fabril está assim bem presente num filme que documenta admiravelmente como os alunos se tornam “produtos” socializados e normalizados. Mas este processo de massificação acaba por encontrar o seu corolário na sequência final, quando é lida uma carta de um antigo estudante, entretanto mobilizado no Vietname. Missiva em que este explica como sente uma ligação muito especial com a escola e revela a sua total satisfação com o sistema, enquanto descreve a sua actividade de militar como: “only a body doing his job”. Como tão claramente referiu Wiseman: “Começa-se o filme mostrando um processo fabril, e acaba-se com a visão do produto perfeito”. Wiseman voltaria vinte e seis anos depois a um outro “liceu exemplar” para filmar **High School II** (1994).

Joana Ascensão